

**MONTEIRO, George. *The Pessoa Chronicles (Poems, 1980-2016)*. Willimantic, CT: Bricktop Hill Books, 2016. 353 p.**

Marcus Vinicius de Freitas

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

marcus@letras.ufmg.br

Recebido em 27 de junho de 2017

Aprovado em 5 de janeiro de 2018

Todo poeta pode ser descrito através de uma cena, de uma atitude física de seu eu-lírico que sintetiza a sua visão de mundo: Drummond meditativo, em meio à multidão ou numa empoeirada estrada deserta; Frost no alpendre ou no celeiro, vendo as folhas mortas serem levadas pelo vento de outono, ou numa encruzilhada escura, com os flocos de neve caindo sobre os galhos secos; Fernando Pessoa debruçado sobre a cômoda alta, ou sentado diante do copo de conhaque. Mesmo os heterônimos deste último podem ser vistos igualmente pelas cenas emblemáticas de cada uma de suas poéticas: Campos à janela da rua, a fumar, enquanto a mala por fazer jaz sobre a cama desarrumada; Caeiro recostado na parede branca de sua casa no alto do outeiro; Reis sentado nas pedras do cais, olhando o rio que passa. A poética de George Monteiro pode ser sumarizada na cena de um homem diante de uma bela xícara de café fumegante, à mesa de um pequeno restaurante de uma cidade acolhedora, às três horas da tarde, depois um longo almoço, com muita sobremesa, e mais café, e notas de poemas e de memórias espalhadas pela toalha. A personagem não fuma, mas nem por isso deixa de pedir um terceiro e longo café, enquanto revisita as páginas de uma brochura à sua frente, com a lombada gasta pelo manuseio constante.

A imagem talvez seja uma das formas de entrar na estonteante miríade de poemas que Monteiro reuniu em *The Pessoa Chronicles*. Ali estão reunidos quinhentos e dezoito poemas (se não me perdi nesse mar de versos), por ele escritos entre 1980 e 2016, todos, de uma maneira ou de outra, relacionados à obra e à figura (às figuras, melhor dizendo) de Fernando Pessoa.

Além de poeta, memorialista, tradutor, pesquisador de arquivos, ensaísta, crítico e historiador literário, George Monteiro é Professor Emérito de Inglês e de Estudos Portugueses e Brasileiros na Universidade Brown, em Providence, RI, EUA, onde tem ensinado e orientado estudiosos de literaturas de língua inglesa e portuguesa durante os últimos sessenta anos. George nasceu, em 1932, em Valley Falls, o menor distrito de Cumberland, uma pequena cidade do pequenino estado de Rhode Island, localizado na Nova Inglaterra. Sua obra crítica percorre uma vasta gama de temas e de autores, com contribuições decisivas para a crítica de Stephen Crane, Robert Frost, Emily Dickinson, Henry James, Ernest Hemingway, Elisabeth Bishop, Nathaniel Hawthorne, Henry James, John Hay, Camões, Miguel Torga, Jorge de Sena e, com certeza, Fernando Pessoa, para ficar apenas nos mais destacados.

Um elemento inicial a se apontar nessa monumental coleção de poemas é o fato de que a sua produção, que percorre trinta e sete anos, percorre uma curva ascendente ao longo do tempo, com mais e mais poemas a cada ano, à medida que o poeta foi se tornando mais refinado, mais ativo, fazendo mais apurada a sua técnica, mais agudo e irônico o seu olhar. O livro se divide e agrupa os poemas por décadas: de 1980 a 1989; de 1990 a 1999; de 2000 a 2009; e de 2010 a 2016. A primeira parte possui 33 poemas; a segunda, 36; a terceira, 137; e a quarta, 312, linha ascendente que atesta a progressão do interesse do poeta por seu tema de eleição, e ao mesmo tempo demonstra a frenética energia desse escritor octogenário. Não se trata, portanto, da recolha de gavetas esquecidas, mas da constante, atual e metódica atividade de um poeta em pleno domínio criativo. E cabe notar que esse esplendoroso conjunto não constitui o total da produção do autor ao longo daquele tempo, longe disso, mas tão somente a produção de um tema específico, dentro de um gênero específico, entre os muitos praticados por Monteiro. Para comprovar esse fato, basta lembrar que, agora em 2017, o autor publicou uma coleção de poemas, *As the Crow Flies*, inspirados em um pássaro que habita o seu ambiente e sua imaginação, a gralha preta, todos eles escritos entre 1996 e o presente, além de ter publicado em 2016 o livro

*38 School Street: a Memoir*, sobre seu tempo de criança em Valley Falls, ambos pela Bricktop Hill Books.

No prefácio às suas crônicas pessoais, Monteiro esclarece ao leitor que comprou seu primeiro exemplar de Fernando Pessoa em 1970, em São Paulo, quando atuou por dois anos como Professor Fulbright de literatura americana na USP. Trata-se da coletânea feita por Maria Aliete Galhoz, publicada pela primeira vez em 1960, pela Editora Aguilar, do Rio de Janeiro. Até ali, confessa o autor, ele conhecia o poeta português somente por referência, e nunca havia passado pela sua cabeça que a língua de seus ancestrais, que ele usava apenas em eventuais conversações domésticas, ou as produções literárias dessa mesma língua pudesse um dia vir a ser motivo de suas indagações ou de sua escrita, fossem acadêmicas ou criativas. Se George se tornou um aficionado de Camões, Torga, Sena, Quental, Nemésio, Casais Monteiro, Rodrigues-Miguéis, entre outros, esse movimento interno se deveu em especial ao apelo assombroso da descoberta de Fernando Pessoa e de sua heteronímia, que se estendeu a uma paixão por Portugal, por sua literatura e em especial pela pessoa cidade de Lisboa, com seus cafés, suas colinas, sua Baixa, seu rio e seu cais, cheios de história e de poesia. Pode-se dizer que a crescente paixão de George Monteiro por Fernando Pessoa foi uma eleição, um ato deliberado, uma espécie de emulação da escolha pessoal pela língua portuguesa. Sabemos que Pessoa foi educado em inglês, na África do Sul, onde viveu entre os cinco e os dezessete anos de idade. A parte mais destacada de sua inicial produção poética foi escrita e publicada em inglês, os *35 Sonnets*, o *Antinous* e o *Epithalamium*. O português, portanto, não lhe era natural como língua culta e cultivável, tendo sido escolhida pelo autor num ato de encantamento, mas também de vontade, do homem já adulto. Guiado por Pessoa, o mesmo parece ter acontecido com George Monteiro: criado e educado em inglês, ele descobre Pessoa aos trinta e oito anos, o que modifica a sua vida de *scholar* e o transforma em um pessoal *full time*. George não chega a adotar a língua portuguesa (seus poemas são todos em inglês, apenas com interferências portuguesas), mas nenhum outro escritor assombra tão decisivamente a sua vida de escritor e de pesquisador quanto o autor de *Lisbon Revisited*. O trânsito entre essas duas línguas constitui, portanto, um dos fatores que aproximam George de Fernando, e faz com que a visão monteiriana de Pessoa seja sempre comparativa, como forma de captar a presença de uma língua e de uma cultura na outra. Um poema,

entre muitos, exemplifica com exatidão essa perspectiva. Trata-se de “Hemispheric Pressures”, datado de 1º de junho de 1990:

He could not have written Frost’s Road  
Not Taken. One of his heteronyms could  
have, but their progenitor could not have,  
since with them, he walked down all the  
roads he cared to walk. It’s odd that the  
American wrote his poem in the same year  
that, in Lisbon, the poet’s inexistent coterie  
first made the primal scene in his bedroom.

Robert Frost, o poeta nascido na Califórnia, mas que elegeu a paisagem pastoral da Nova Inglaterra como sua *persona* poética, serve a George como um dos elementos de triangulação entre o seu próprio eu-lírico e os de Pessoa. Ao apontar que *Road Not Taken*, o poema exemplar de Frost, foi escrito no mesmo ano de 1914 – o qual Pessoa data como sendo o do dia triunfal de sua vida, aquele 8 de março em que lhe surgiram os heterônimos –, Monteiro estabelece uma conexão entre os dois grandes modernistas, que depende, na estrutura do poema, do olhar de leitor que ele mesmo, enquanto poeta-crítico, lança sobre Pessoa e Frost, de maneira a abarcá-los num mesmo movimento presidido pelo leitor agudo. O que Borges esclareceu no ensaio “Kafka e seus precursores” fica aqui demonstrado: George Monteiro estabelece, pelo poema, uma relação inusitada, e *a posteriori*, entre seus próprios precursores, ao colocar-se exatamente na encruzilhada em que se cruzam, por arte de sua meditação, as estradas que vêm de Frost e de Pessoa.

Como esse poema, todos os outros trazem as datas de escrita. Monteiro explica, no mesmo prefácio, que as datas remetem não apenas ao poema no tempo, mas ao tempo do poema, ou seja, funcionam como entradas de um diário ou de uma autobiografia. Esse dado é fundamental para a compreensão do livro. Ainda que a motivação inicial do volume fosse a obra, a figura e o entorno de Fernando Pessoa – motivação essa tornada consciente à volta de 1990, quando o autor, remexendo o seu próprio baú de papéis, percebe ali a existência de inusitada quantidade de poemas sobre o tema -, a evolução do trabalho de composição o transformou em uma verdadeira autobiografia de George Monteiro. De fato, há na coleção um poema, de 2005, intitulado justamente “Autobiography”, que deixa clara essa evolução. Seus versos iniciais assim dizem:

Why set down in detail the life of  
someone described once, not unfairly,  
as ‘the man who never was’? How  
can you write the biography of one  
who devised dozens of names for  
pieces of himself when he did not,  
would not or could not be himself?  
Better to set down your own auto-biography...

Ao falar de Pessoa, George descobre a si mesmo. A transformação temática e composicional dos poemas demonstra esse fato. Os primeiros textos são exercícios de compreensão, leituras comentadas, ecfrases de imagens sobre Pessoa, em especial sobre os quadros de Almada Negreiros; o seu Mural dos Heterônimos, na Faculdade de Letras; os quadros e desenhos de Júlio Pomar – cabe aqui observar que a ecfrase, enquanto gênero, traz à cena um outro autor entre os favoritos de George Monteiro e de grande importância na estrutura de *Pessoa Chronicles*, qual seja Jorge de Sena, cujo livro *Metamorfoses* se constitui inteiramente de ecfrases. Aqueles primeiros textos da série podem ser vistos como poemas de um *scholar* que é também poeta. No entanto, a evolução do trabalho revela poemas de um poeta que é também *scholar*. Ou seja, se, no princípio, os poemas são variantes da abordagem de um *scholar* sobre seu objeto, a partir de certo ponto encontramos decisivamente poemas em que o poeta se impõe sobre o *scholar*, e o conhecimento do crítico e pesquisador fica submetido à proeminência do poeta. Assiste-se portanto a uma mutação interna na própria biografia intelectual de George Monteiro. Se, em um primeiro momento, George tenta emular o processo heteronímico, ao “fingir” alguns poemas na voz de cada um dos heterônimos – sem, é claro, deixar de, *cum grano salis*, deslocá-los no tempo e no espaço, e colocá-los a meditar em meio à nossa paisagem contemporânea -, na série final vamos encontrar poemas em que o leitor já não pode mais distinguir o eu-lírico de George Monteiro daqueles pessoanos, e se vê diante de um verdadeiro processo de assimilação, como se Pessoa tivesse deixado por ser descoberto, no fundo do baú, um heterônimo americano, de origem portuguesa, nascido em Cumberland-on-Blackstone, cuja poética se caracteriza por um fino humor *New-Englander*. Ao se deixar inventar como mais um heterônimo pessoano, Monteiro inverte imediatamente o processo e afirma a própria poética, na qual Pessoa, ou Mr. Person, como ironicamente diz o poeta, foi devidamente assimilado.

Nesse sentido, a obra de George Monteiro evidencia de maneira precisa um processo de superação da ansiedade de influência, para usar o termo de Harold Bloom, ou de tradição assimilada pelo talento individual, para ficarmos com Elliot. De fato, o que a princípio constituía a pressão do cânon sobre fatura poética, derivada do fato de que o poeta George Monteiro foi antes e sempre um *scholar*, passa a ser agora a completa assimilação da tradição no processo de conformação de uma poética singular, com uma voz perfeitamente distinta.

No que concerne a essa singularidade, chamo a atenção do leitor para o desenvolvimento muito particular de uma forma no interior da poética de George Monteiro: trata-se de uma espécie apurada de poema em prosa, constituído por uma única estância, um bloco de versos cuja medida fica quase sempre entre onze e quatorze sílabas, com um número médio de doze versos, chegando a dezesseis ou pouco mais, e recuando a oito versos, ou pouco menos. Trata-se de uma mancha textual cujo rigor se define antes pelo ritmo do que pelo número, e que, ao longo do livro, se revela como um padrão, a atestar o personalíssimo desenvolvimento da poética de George Monteiro.

Uma resenha não constitui o lugar adequado para uma exposição mínima do largo número de poemas de grande beleza incluídos nesse livro, sempre marcados por um olhar enviesado, irônico, meditativo, muito próprio do poeta, e que se torna imediatamente reconhecível à medida que a leitura avança. Dado o número centenário de poemas, o livro, como o poeta aponta, é também o seu “baú” à espera de leitores, tal como o baú de Fernando Pessoa. Convido o leitor ao mergulho nessa voragem de textos, do qual sairá transformado.

Se antes falei da cena emblemática da poética de George Monteiro, a o homem diante da xícara de café, cabe lembrar que Pessoa é assim representado no quadro de Almada Negreiros. Mesmo que talvez a xícara esteja batizada com um pouco de bagaceira, ainda assim café. A imagem é também emblemática para Jorge de Sena, tomando café em Creta com o Minotauro. Como disse antes, Sena, como Frost e vários outros, ocupa lugar destacado nessas triangulações que George Monteiro percorre ao longo do processo de assimilação da poética de Fernando Pessoa, em última análise da assimilação de toda a tradição literária no interior de sua poética. George, que estreou como poeta em 1982 com *The Coffee Exchange*, segue tomando o seu café, tomando notas, escrevendo uma singular obra de polímata, na qual a produção poética encontra agora o seu lugar definitivo.